

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR – REFLEXÃO A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “TARJA BRANCA: A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA”

“Tarja Branca: A revolução que faltava” é um manifesto à importância e ao direito do ato de brincar. O documentário dirigido por Cacau Rhoden (2013) levanta uma reflexão deveras importante assinalando: “*Brincar é urgente*” (Andrea Jabor, Coreógrafa). Através de depoimentos de diversas personalidades, desde artistas, professores, psicanalistas, humoristas até médicos, Tarja Branca aborda a necessidade da brincadeira, do lúdico na vida cotidiana. Sobretudo, o documentário faz alusão ao imperativo do famigerado “*Tarja preta*” e propõe uma nova saída: um resgate ao infantil, um espaço que leve em conta o sujeito e para que este possa advir através de seu brincar.

Mas o que pode ser dito sobre o Brincar? “*Olhar uma criança brincando é reaprender a dimensão do humano... O brincar do adulto é o processo criador que se inicia através do processo de brincar da criança*” (Lidia Hortélio, Professora de música). Freud (1908) em seu texto: O escritor e a fantasia busca traçar uma relação entre a escrita criativa e atividade lúdica exercida pelas crianças. Alega que os primeiros traços da atividade criativa já podem ser encontrados na infância através da ocupação mais querida e mais intensa exercida pela criança: a brincadeira. Além disso, aponta também para um brincar do adulto, como um resquício dessa atividade lúdica da infância, é o que Freud chama de fantasia.

Dessa forma, é possível dizer que toda criança, ao brincar, se comporta como um criador literário, pois constrói para si um mundo próprio, ou, mais exatamente, arranja as coisas de seu mundo numa ordem nova, de seu agrado (FREUD [1908], 2015). “*Eu acho que o brincar é o modo que a gente tem de organizar o nosso mundo, criando um mundo paralelo ao mundo que a gente vive mergulhado cotidianamente*” (Antônio Nobrega, Multiartista).

Tanto Freud, quanto diversos entrevistados ao longo do filme acreditam que a brincadeira seja algo tão natural ao ser humano, e que esta esteja diretamente ligada à sua constituição. Segundo Petri (2008) O brincar é inevitável para a criança, uma vez que corresponde ao próprio movimento de sua estruturação psíquica: quando uma criança não brinca é sinal que existe algum impedimento em seu processo de subjetivação.

A brincadeira proporciona uma criação do sujeito, é um lugar de atividade e não passividade e é justamente por isso que ela é tão importante, *"O essencial do brincar é a liberdade de criação"* (Marcelino Freire, Escritor).

Desde que se inicia uma brincadeira, esta é capaz de prover, de produzir uma ficção, produz uma espécie de texto que possibilita recriar uma realidade e produzir uma representação do mundo. A criança, diferente do animal brinca de ser algo, o brincar humano é o único que contém esse ganho. Para brincar de ser, se faz necessário também uma perda de identidade. Brincar de ser o personagem também é brincar de não ser, implicando um lugar de desprendimento, um lugar de diferença. A brincadeira contém um caráter recreativo. Passo a passo, no desenrolar do brincar, se recria um vazio capaz de engendrar mobilidade, impulso para efetuação do sujeito (FLESLER, 2012).

Sendo assim, *"Brincar é uma coisa do homem, do ser humano, é uma expressão. Ela vem de diferentes formas, nas diferentes etapas da vida, mas ela está presente sempre"* (Hélio leites, Artesão). Na idade adulta, o sujeito pode se recordar da grande seriedade com que brincava na infância, e, equiparando suas ocupações pretensamente sérias às aquelas brincadeiras infantis, livra-se do pesado fardo imposto pela vida e alcança o elevado ganho de prazer proporcionado pelo humor (FREUD [1908], 2015).

Como já apontado por Freud e levantado no documentário, brincadeira é coisa séria. "É só um jogo", costuma-se dizer para banalizar a seriedade de um ato. Na cena lúdica, quando a criança atua sua representação, ela sabe que se trata de um jogo e mesmo assim acredita nele. Faz isso com tanta intensidade que se alegra, se entusiasma, se angustia, enfim, se comove verdadeiramente (FLESLER, 2012). Por isso seria errado pensar que a criança não toma a sério esse mundo da brincadeira, pelo contrário, ela toma sua brincadeira muito a sério, nela gasta grandes montantes de afeto (FREUD [1908], 2015).

Sobretudo, as brincadeiras das crianças são guiadas por um desejo específico, que é o desejo de ser grande e adulto. Este desejo é de grande ajuda na educação da criança, pois, ao brincar de ser grande as crianças imitam o que sabem da vida dos adultos (FREUD [1908], 2015). No brincar a criança executa uma espécie de ensaio do futuro, e é a partir deste que é possível para ela se preparar para as novas etapas do porvir.

"Uma das coisas que eu mais me lembro é de ficar fazendo, às vezes, aquele castelinho de areia sabe como é que é? Molha a areia e vai fazendo um castelo que vai pingando, pingando, pingando, pingando... De repente ele desmancha todo. Ai você começa de novo... Eu acho que minha vida foi isso... Eu fiquei pingando" (Maria Amélia

Pereira, Pedagoga). O relato de Maria Amélia mostra como este ato simbólico repete-se num desenrolar infinito, e a mesma prática da infância ainda é capaz de marcar sua existência.

Segundo Freud (1908) um sujeito nunca abandona uma forma de satisfação, e a própria brincadeira é considerada como uma obtenção de prazer. O indivíduo adulto para de brincar, aparentemente renuncia ao ganho de prazer obtido por essa prática, mas este é apenas um engano, o conhecimento da vida psíquica aponta que o homem não pode renunciar a nada, apenas trocar, o que ocorre é uma formação substitutiva. Por isso, *"É muito importante você saber brincar com a vida"* (Antônio Nobrega, Multiartista).

Por conseguinte, o brincar é uma forma de expressão privilegiada do infantil, e a existência da brincadeira engendra a constituição de um sujeito, que o leva a inscrever-se em uma ordem simbólica. É preciso pensar no âmbito da família, da escola e das instituições, uma vez que esses espaços podem e devem promover e privilegiar o brincar.

Michelle Silva Gonzales - Psicóloga

Prof.^a Dr.^a Filomena Elaine P. Assolini